

*Tamara Park*

# ENCONTROS SAGRADOS

De Roma a Jerusalém

Tradução de Lenita Ananias do Nascimento

  
**garimpo**  
EDITORIAL  
*São Paulo*

# SUMÁRIO

<i>Introdução</i> Jerusalém, Israel.....	11
1 Charlotte, Estados Unidos .....	15
2 Roma, Itália .....	27
3 Florença, Itália .....	35
4 Assis, Itália .....	45
5 Split, Croácia .....	51
6 Dubrovnik, Croácia .....	59
7 Medjugorje e Mostar, Bósnia e Herzegovina.....	67
8 Sarajevo, Bósnia .....	77
9 Belgrado, Sérvia .....	93
10 Tirana, Albânia .....	109
11 Ohrid, República da Macedônia .....	127
12 Meteora e Delfos, Grécia .....	143
13 Atenas, Grécia.....	153
14 Patmos, Grécia.....	175

15	Éfeso, Turquia.....	185
16	Izmir/Esmirna, Turquia .....	197
17	Istambul, Turquia .....	203
18	Capadócia, Turquia.....	217
19	Antioquia, Turquia.....	231
20	Alepo, Síria .....	243
21	Damasco, Síria.....	253
22	Beirute, Líbano.....	265
23	Amã, Jordânia.....	283
24	Jerusalém, Israel.....	291
25	Jerusalém, Israel.....	307
	Além da cidade santa.....	319
	Graça abundante .....	321
	Outro banco sagrado.....	325
	Notas .....	327

Não devemos parar de explorar,  
E no fim de todas as nossas explorações  
Chegaremos onde começamos  
E conheceremos esse lugar pela primeira vez.

T. S. ELIOT



## JERUSALÉM, ISRAEL

SUPONHO QUE TODO norte-americano se lembre de onde estava no dia 11 de setembro de 2001. Os detalhes nítidos desse dia preenchem os espaços da mente das pessoas como poucas outras datas do calendário: dia da formatura, casamento, nascimento do filho, 11 de setembro.

Eu não estava nos Estados Unidos no dia 11 de setembro de 2001. Morava no Oriente Médio.

Havia mudado para Jerusalém algumas semanas antes para ter aulas de pós-graduação. Naquela terça-feira, corri para o Hotel King David e voltei a tempo para minha aula de política moderna no Oriente Médio. Essas aulas logo passaram a ser minhas favoritas. Meu animado professor israelense estava decidido a nos esclarecer a complicada situação da região, sempre definindo a vida no Oriente com um aceno de mãos e afirmando: “É uma anarquia, podem acreditar, anarquia!”

Naquela manhã — antes do amanhecer nos Estados Unidos —, meu professor, Oded Yinon, expusera a fragilidade do Oriente Médio. “É um barril de pólvora pronto para explodir.” Eu e um amigo ficamos depois da aula durante mais de uma hora explorando e garimpando a mente dele a respeito das alianças europeias, das reservas de petróleo e dos fanáticos religiosos. Depois dessa conversa, saí da sala cantarolando a música *It's the End of the World as We Know It* [É o fim do mundo tal como o conhecemos], do grupo R.E.M.

Depois de um almoço tardio, fui caminhando displicentemente para o laboratório de informática, uma caverna do primeiro século transformada e repleta de PCs antiquados, a fim de verificar meus *e-mails*. Logo fomos tomados pela comoção, à medida que cada tela ia exibindo mensagens de *e-mail* que traziam imagens das torres sendo atingidas.

Eu já havia tomado conhecimento de ataques terroristas. Nas duas semanas anteriores àquela terça-feira, eu ouvira explosões de um homem-bomba e um carro-bomba nas imediações. Depois de 11 de setembro, nosso professor acrescentou ao programa do curso uma discussão sobre Osama Bin Laden e a C.I.A., e nós continuamos como sempre.

Nos dez meses seguintes, meus dias foram cheios de aventuras marcantes, conversas que expandem a mente, amizades que mexem com a alma. Atravessei penosamente túneis antigos, subi o monte Sinai caminhando, mergulhei com *snorkel* no mar Vermelho e nadei nua no mar da Galileia. Saboreei uísque e bolo com o arcebispo grego, café e chocolate com o *mukhtar* sírio e muito, mas muito, chá com comerciantes. Trabalhei como voluntária com crianças beduínas com o grupo Rabinos pelos Direitos Humanos e senti e ofereci afeto a crianças ciganas pela Sociedade Cigana Domari.

Depois, minha escola se fechou por causa da violência cada vez maior da intifada (insurreição palestina). Mudei-me para um bairro palestino na cidade velha e frequentei aulas de hebraico na cidade nova. Vi de perto como as divisões políticas se transformaram em dilemas pessoais. Os problemas não podiam mais continuar abstratos. Estavam ligados às pessoas com quem eu me importava — em ambos os lados. Descobri que o aumento da segurança nos pontos de inspeção tinha feito a taxa de partos de natimortos subir às alturas entre as mulheres palestinas. As ambulâncias não conseguiam chegar a tempo. O uso de drogas estava em alta entre os adolescentes israelenses; muitos não saíam de casa por medo dos bombardeios frequentes, e alguns deles tinham começado a fumar maconha no porão da própria casa.

Apesar disso, observei pessoas que viviam a agonia do conflito, mas encaravam a vida com muita coragem e criatividade. Tive vislumbres dos riscos e das alegrias que as pessoas encontravam quando procuravam a paz com seus inimigos. Também experimentei a sensacional hospitalidade de judeus, cristãos e muçulmanos.

Meu conceito de Deus foi questionado e ampliado. Em meio a esses complicados conflitos, essas culturas antigas e minhas recém-formadas amizades, quem era o Divino? Onde Deus estava no Oriente?

Saí de Jerusalém, a Cidade Santa, transformada. Quando cheguei de volta ao meu país, percebi que os Estados Unidos tinham mudado também. As bandeiras americanas estavam por toda parte. A Lei Patriota, criada pelo governo de George W. Bush em 2001 para combater o terrorismo, estava em vigor. Deus e o país não podiam estar mais certos.

Notei entre os americanos um senso cada vez maior de que nossa cultura e nossos valores estavam sendo atacados, que o mundo precisava se recordar de gente boa e gente má — heróis e vilões, a Coalizão das Pessoas de Boa Vontade e o Eixo do Mal. As divisões estavam ficando mais nítidas e os riscos, mais altos.

Minha mente, porém, estava lotada de imagens de crianças de pele morena testemunhando a troca de tiros, e o riso entre os vizinhos se transformando em silêncio. Queria saber o que aconteceria se compartilhássemos uma refeição, nós do Ocidente e nossos semelhantes do Oriente Médio; se trocássemos histórias sobre nossas famílias e contássemos histórias sobre nossas heranças culturais. Quanto aprenderíamos uns com os outros? Até que ponto nos entenderíamos melhor?

Eu tinha novas perguntas sobre Deus também. Depois de minha chegada aos Estados Unidos, comecei a trabalhar em minha igreja como pastora da comunidade. Nunca imaginei que trabalharia para uma igreja, mas apareceu um sonho que eu não sabia sonhar. Comecei a perceber, mais do que nunca, que nas complexidades da vida — com todas as suas intensas decepções e seus imensos prazeres — o entendimento que se tem do Divino é importante. Como, porém, com tantas perguntas acerca de Deus ainda não respondidas, eu orientaria as pessoas em suas lutas espirituais? Meu conceito de Deus era firme bastante, universal bastante e genuíno bastante para me relacionar com meus amigos aqui do Ocidente, com meus vizinhos no Oriente, com esse mundo em constante mudança e cheio de matizes?

Foi quando uma ideia começou a me passar pela cabeça...





## CHARLOTTE, ESTADOS UNIDOS

QUANDO O MUNDO ESTÁ muito agitado, como aquela pessoa que está parando de fumar, e as indagações de minha alma começam a ficar semelhantes a um *show* de *heavy metal* que não deu certo, descubro que preciso viajar. Isso costuma me acalmar.

Foi então que tive a seguinte ideia: vou fazer uma peregrinação pelo Oriente, andar por uma porção de caminhos antigos que se estendem de Roma a Jerusalém. E ao longo desse caminho milenar, já trilhado por canalhas, santos, soldados e refugiados, vou pedir às pessoas que me digam como é Deus para elas.

As estradas romanas antigas que planejei percorrer passam pelos Bálcãs e pelo Oriente Médio. Atravessam cidades que foram arruinadas pelo conflito das duas últimas décadas. Talvez essa faixa de terra possa oferecer contexto para minhas dúvidas sobre o Oriente; e — quem sabe? — as pessoas ao longo do caminho possam me dar ideias para meu questionamento acerca do Divino.

Essa jornada só pode ser realizada de um modo: como peregrina. Mas eu jamais havia peregrinado antes. Isso podia ser um problema. Em primeiro lugar, eu nem sequer havia elaborado um testamento.

Não que eu me oponha a fazer testamentos. Pretendia fazer o meu desde que tive aulas de bioética. Anotei essa intenção na minha lista de tarefas, logo abaixo de “ir ao dentista”. Também não tenho nada contra o dentista. Apenas não tenho seguro odontológico, algo que eu tinha intenção de fazer desde quando saltei de um penhasco e lasquei um dente.

Enfim, eu tenho apenas uma coisa que vale a pena ser relacionada num testamento: meu Fusca preto 1998.

Faço essa confissão porque é constrangedoramente *antiperegrino* não ter testamento. Desde a Idade Média, os peregrinos são bem cuidadosos em especificar o que deve acontecer com seus restos e seus pertences se não sobreviverem à jornada. Félix Fabri,<sup>1</sup> um peregrino meticoloso do fim do século 15, fez o capitão do navio em que ele estava embarcando para a Terra Santa concordar em lhe cobrar apenas metade do preço da passagem caso ele não completasse a viagem vivo. Félix redigiu um contrato e convenceu o capitão do navio a assiná-lo.

Eu disse a meus pais que, caso morresse nessa viagem, gostaria de ser cremada. A cremação me parece mais econômica, mais favorável ao meio ambiente e mais poética. Minha mãe detesta essa ideia. Mas, como já disse, eu não pus nada disso no papel. Além do mais, ao confessar isso, eu me dou conta de que também não me preparei para outros possíveis desastres.

Fiz meus planos de viagem com dois amigos: Krista, com quem trabalhei em Bruxelas, e Eric, com quem estudei em Jerusalém. Eles não se conheciam. E se eles não se dessem bem? *Primeiro possível desastre.*

E se eu — ou Eric, ou Krista — me apaixonasse no caminho? Nós somos solteiros e até que bonitinhos. Isso poderia ocorrer. Relacionamentos internacionais são um campo minado de complicações. Eu, Krista e Eric, todos três tivemos o coração abalado no exterior. *Segundo desastre potencial.*

E se eu perdesse a minha fé, o meu norte espiritual? Esta seria a possibilidade mais desastrosa de todas. Não faz muito tempo, comecei a imaginar que nosso conceito de Deus é o conceito mais importante que temos. Ele molda o nosso conceito de nós mesmos, de como interagimos com o mundo e, em última análise, como nos relacionamos com o Divino. No entanto, depois de passar seis anos de muito esforço, embora com gratidão, no curso de pós-graduação para obter meu mestrado em Teologia, eu anseio por ver como essa minha teologia se sai na prática. E se Deus é mais abrangente que a cultura norte-americana, mais cheio de nuances que minhas posições políticas, mais universal que minha visão de mundo?

Eu preciso saber se as convicções que construí no solo do sul dos Estados Unidos vão se esfarelar nas praias do Mediterrâneo. Preciso descobrir se essa imagem de Deus que eu tenho testemunhado nos Estados Unidos vai cair por terra quando eu conhecer o conceito de Deus de outras pessoas — gente de diferentes culturas religiosas, que vive em nações separadas pelo conflito. Apostei minha vida nessa relação com Deus. Acho que preciso saber se ela é resistente. Além disso, as realidades de nosso universo cultural parecem exercer uma pressão cada vez maior e

os problemas desoladores não estimulam a convidar outros para a modelagem de meu conceito de Deus.

Foi por isso que decidi perguntar aos desconhecidos que encontrava pelo caminho qual era a definição que tinham de Deus. Mas sei que esse empreendimento apresenta um enorme risco. E se eu gostasse mais do Deus de alguma dessas pessoas do que do meu? E se a minha relação com Deus não continuasse mais a mesma? E se tudo o que eu entendo como Deus precisasse ser cremado? *Ufa! Terceiro possível desastre.*

Ah, eu devia mesmo fazer um testamento. Mas primeiro preciso terminar de fazer a mala. Eric vai chegar em menos de meia hora para irmos juntos ao aeroporto, e ainda estou socando camisetas, barras de proteína e comprimidos antidiarreicos na mochila lotada.

\* \* \*

*Ufa!* Chegamos ao aeroporto com muito tempo para saborear um pouco de caféina e tentar resolver um problema de falta de comunicação. Eric não dissera aos pais que pretendia viajar — muito menos mencionou lugares como Sérvia e Síria. E eu não tinha falado com Eric diretamente sobre como íamos nos virar com as finanças nessa viagem. Nenhum de nós gosta de discussão.

Falei que talvez fosse bom avisar os pais dele sobre a viagem, comentei vagamente alguma coisa sobre dinheiro e depois saí. Enquanto ele estava sentado ao lado de duas enormes mochilas — uma organizada com racionalidade e com espaço para respirar (a dele) e a outra como se um corpo ameaçasse saltar de dentro dela ao menor deslize do zíper (a minha) —, fui comprar algo para ler no voo.

Quando volto, Eric está conversando com a mãe.

Estou no aeroporto... Vou viajar com a Tamara... Ah, eu nunca falei dela? Era uma de minhas colegas do alojamento em Jerusalém... Nós vamos para Israel... Vamos começar na Itália e depois viajar pelos Balcãs e pelo Oriente Médio... O que foi, mãe? Me desculpe; o sinal está ruim... Vou ligar quando chegarmos a Roma ou em alguma oportunidade na semana que vem. Tchau.

Estou sinceramente muito agradecida por Eric ter concordado em participar dessa louca miniperegrinação. Não existe outro cara que eu conheça que fosse melhor companheiro para fazer comigo a viagem por esse caminho antigo e difícil de percorrer. Contudo, em vários aspectos, Eric continua sendo um enigma para

mim. Apesar de termos convivido durante alguns meses em Jerusalém, é como se eu só tivesse *flashes* de seu mundo. Eric sempre estava fora, estudando hebraico, grego ou aramaico ou saindo com a namorada, enquanto eu estava fugindo dos estudos e tomando café com algum comerciante, rabino ou arcebispo. Nas raras noites, contudo, que estávamos os dois em casa, saboreávamos um copo de vinho e conversávamos sobre o Evangelho de João. Eric respondia com paciência e brilhantemente a todas as minhas perguntas sobre os costumes judeus e os ensinamentos de Jesus. Essas noites eram das minhas favoritas em Jerusalém.

\* \* \*

Depois de uma boa porção de *sushi* em Detroit, dois filmes durante o voo, uma xícara de café expresso em Amsterdã e alguns cochilos sem descansar entre essas atividades, eu e Eric nos encontramos com Krista em Roma.

Krista está sempre chique, mesmo quando a mochila vermelha nas costas ultrapassa sua altura de 1,73m e ela carrega várias bolsas de câmeras penduradas no ombro. Quando se trata de registrar um momento, ela está sempre equipada e sabe usar muito bem seus recursos.

Nos últimos oito anos, Krista trabalhou como instrutora de videografia na Universidade de Mineápolis. Naquele mês, porém, ela deixou o emprego, viajou para a Rússia para fotografar jogadores profissionais de basquete e agora está conosco para registrar em imagens os momentos de nossa peregrinação. Eu e Krista nos encontramos pela primeira vez há mais de dez anos. Nós nos conhecemos quando éramos voluntárias de uma produtora de vídeos sem fins lucrativos em Bruxelas, na Bélgica, que produzia programas principalmente para Ásia, África e Europa. No esplendor de nossos vinte e poucos anos, escrevíamos e produziávamos segmentos de programas para crianças na Índia; acumulamos histórias de “viajantes fracassadas”; cuidávamos de casas, de cães e de gatos para financiar nosso hábito inabalável de nos alimentar regularmente; e ríamos. Krista é uma das almas mais espirituosas e talentosas que conheço.

No momento, falta-me energia para apostar em como essa aventura vai terminar. Estamos todos cansados do primeiro voo de nossa viagem, confusos com a mudança de fuso horário, fatigados de nossa vida anterior e exaustos de completa empolgação com os dias que temos pela frente. Estou curiosa para saber como nós três vamos nos dar — se nos odiaremos uns aos outros, se gostaremos uns dos outros ou uma certa combinação de ambos — antes de terminar essa jornada sagrada. Tudo o que sabemos com certeza é que estamos procurando o Transcendente num caminho terreal. Somos neoperegrinos.



Enquanto compramos nossos primeiros bilhetes de trem, eu penso em mais alguma coisa. *Quarto desastre potencial*: e se eu me der mal como peregrina?

Jerusalém é o principal local de peregrinação do mundo para judeus e cristãos, terceiro da lista dos muçulmanos. Outrora conhecida como o umbigo do mundo, Jerusalém abriga o Kotel (o muro ocidental do pórtico do antigo templo), o Santo Sepulcro (o suposto local da crucificação e ressurreição de Jesus) e o Domo da Rocha (para onde supostamente Maomé teria sido transportado numa visão).

Porém, não é como se eu tivesse chegado à lista dos Dez Principais Lugares de Peregrinação adquirindo um pouco de familiaridade com a cultura antes de convidar meus amigos para essa experiência. Ah, não! Só recentemente descobri o mundo da peregrinação. Por alguma razão, demorei para reparar nesse movimento que estivera em evidência durante um bom tempo.

Desde os primeiros tempos da história humana, homens e mulheres viajaram pelo mundo para ficar mais próximos de Deus. Subiram montanhas, atravessaram desertos, navegaram por águas turbulentas e andaram por florestas escuras em busca do Sagrado. A prática da peregrinação aparece nas religiões mais antigas e, particularmente, corre nas veias das três principais crenças monoteístas.

Minha tradição, no entanto, viveu pouquíssimas experiências de peregrinação. A Reforma Protestante trouxe as Escrituras para o povo, mas também levou embora a noção de viagem sagrada. Então, cá estou eu: uma noviça, uma peregrina inexperiente de meia-tigela. Sei que é tolice ter medo do *quarto desastre potencial*. O objetivo não é ganhar nenhum prêmio “O peregrino”,<sup>2</sup> mas ter a experiência do sagrado e aprender com outros ao longo do caminho.

Confesso, porém, um segredinho logo de cara: estou ansiosa demais para querer me sair bem, para avaliar meu próprio progresso — mesmo no que diz respeito à espiritualidade. Quero aprender com os outros, mas também gosto de ser aquela que está informada, aquela que sabe de tudo das áreas importantes da vida. Talvez seja disso que eu deveria ter mais medo — de não ser sincera bastante com minhas imperfeições de não ouvir os outros, não ser humilde bastante para receber das pessoas. Talvez seja isso que tenha potencial para frustrar essa peregrinação.

Talvez... mas eu jamais vou saber se não entrar nesse trem.



Embarcar e desembarcar de trens podia gerar um problema: eu não conseguir passar pelas portas das composições sem esmagar gravemente meus órgãos vitais.

Além de um possível excesso de camisetas e barras de proteínas socadas na minha mochila, eu tinha uma minifarmácia e um escritório móvel (um caderninho de notas, folhetos cheios de pesquisa histórica, pilhas de informações sobre albergues e contatos de embaixadas no caso de algum de nós precisar ser cremado).

No momento em que localizo minhas anotações sobre nosso primeiro albergue, é hora de saltar do trem. Desembarcamos e fomos descansar no lado perigoso de Roma. Estou fazendo um joguinho em que não deixei exatamente a Krista e o Eric entrar. O nome da brincadeira é: “Vamos ficar nas acomodações mais baratas de cada cidade” — uma homenagem ao meu fabuloso e econômico pai. Estou muito longe de um grande início.

Descarregamos nossas bagagens no glorioso hotel de uma estrela e nos aventuramos. Resolvemos nos dar um dia antes de começar nossa peregrinação oficial, por isso decidimos ir aonde milhares de animais e seres humanos eram mortos para entretenimento. Não sei por que achamos que visitar o Coliseu sob calor escaldante e em nosso estado debilitado pela mudança do fuso horário seria a melhor maneira de inaugurar nossa viagem, mas nos vimos todos seguindo sonâmbulos naquela direção.

Despertei suada e cercada de gente aglomerada em grupos. Cada grupo rodeava um homem vestido com uma minissaia vermelha plissada, uma armadura brilhante e um capacete enfeitado com cerdas, lembrando uma escova. O elmo parecia um pouco uma cabeça de galo. Parecia que todos à minha volta estavam encantados como aquele soldado romano antigo. Eu também queria ficar encantada. Entretanto, não consegui chegar perto suficiente para ouvir o que se dizia sem empurrar os clientes que pagaram corretamente o Coliseu. Assim, as histórias do guarda chegavam até mim como uma ligação ruim de telefone celular:

“... então os anões lutavam entre si logo antes...”

“... eles usavam urina como pasta de dente...”

“... e depois a classe mais baixa e as mulheres...”

Minha curiosidade não suporta tortura, por isso localizei Eric, que está pensando em pagar dez euros para ser um patrono oficial. Perdi a emoção de pagar em moeda italiana. Gastar milhões de liras para me arrastar por aquele lugar antigo fazia tudo ficar muito mais parecido com uma aventura. A moeda europeia unificada é prosaica demais. Decidi boicotá-la e ir ao encontro de Krista.

Krista está tirando uma fotografia do Arco de Constantino. Ele fica do lado do Coliseu como um Fusca estacionado perto de um jipão. Os dois, porém, con-

tam histórias carregadas de política e religião, e ambos são testemunho do poder ocidental que remete a Jerusalém. Uma pilha de pedras conta a história do que acontece quando povos minoritários têm convicções acerca de Deus que a cultura majoritária não tem. O outro monte de rochas conta uma história impressionantemente diferente.

O Coliseu foi construído, na maior parte, por escravos judeus tirados de Jerusalém depois que os romanos saquearam a cidade, em 70 d.C. Em uma década, mais de 50 mil espectadores lotavam o estádio regularmente para assistir a lutas de animais e gladiadores até a morte. O ingresso era gratuito e os lugares eram divididos por classe e por sexo.

Os jogos eram um sucesso. Toda vez que o imperador os patrocinava, sua popularidade subia às alturas. Era uma maneira brilhante de lidar com o “problema” da escravidão e da criminalidade. Além disso, evidentemente, cada morte aplacava os deuses. Portanto, os jogos tinham benefícios políticos, econômicos, religiosos e sociais, uma verdadeira situação em que todos ganham — exceto, claro, os milhares de animais e gladiadores que morriam.

Não há consenso a respeito de quantos gladiadores eram cristãos, se é que algum deles o era. O certo é que nem judeus nem cristãos se saíam bem na antiguidade em Roma. Na época em que foi erguido o Arco de Constantino, porém, o banho de sangue humano na arena estava acabando. O reinado de Constantino, no início do século 4, não só mudou as atividades no Coliseu, mas também influenciou a atmosfera religiosa do Império Romano.

O Arco — gravado com frases como “inspirado pelo divino”, “livrou o Estado do tirano” e “apenas a força dos braços” — comemora a vitória de Constantino sobre o coimperador Magêncio na Batalha da Ponte Mílvia, em 312. Diz-se que nessa batalha Constantino teve a visão de uma cruz no céu, formada pelas letras gregas chi (C) e rô (P), e uma inscrição que dizia “Sob este signo vencerás” (“*In hoc signo vinces*”). Em gratidão pela vitória, Constantino, segundo se conta, converteu-se ao cristianismo. Um ano depois, ele legalizou o cristianismo no Édito de Milão.

Constantino<sup>3</sup> veio a ser o primeiro imperador teocrata e o político mais poderoso da cristandade. Ele recuperou Jerusalém como o epicentro da peregrinação cristã, reuniu os bispos para unificar a teologia cristã e criou um Jesus imperial com vestes romanas. Sua conversão, todavia, não restringiu seu irritante hábito de assassinar pessoas nem seu constante patrocínio de deuses pagãos. Não obstante, sob o governo de Constantino, o cristianismo não foi mais acompanhado de sangue dos mártires — pelo menos no Império Romano. Em seu reinado, a taxa



de mortalidade de cristãos diminuiu, mas resta saber se um pouco da alma da fé não diminuiu junto.

De repente, ocorreu-me uma ideia. Quem sabe o melhor ponto de partida para essa peregrinação, o melhor lugar para me ajudar a reconhecer meu próprio ponto de partida como uma protestante norte-americana que procura Deus num mundo multicultural, esteja exatamente no meio do Coliseu e do Arco de Constantino? Enquanto viro o pescoço, como que para acompanhar uma bola de pingue-pongue, de uma construção para a outra, penso em quanto a política e a religião se entrelaçaram ao longo dos séculos. Os políticos norte-americanos de hoje empregam regularmente jargões religiosos para justificar suas ações e para dar a entender aos eleitores que Deus é do Partido Republicano ou do Partido Democrata.

Estou ansiosa para saber o que acontecerá à medida que eu for chegando cada vez mais perto da terra em que surgiram as Escrituras, a Igreja começou e minha religião se originou. Será que meu atual conceito de Deus — cultivado como ele é em uma cultura em que o cristianismo é maioria — vai ser atacado assim que eu entrar nessa arena como alguém de uma cultura minoritária?



Uma hora depois, estamos arrasados pelo calor e pelos turistas, então arrastamos o corpo para subir uma colina e descobrimos um parque. Bancos de madeira curvados pelo tempo, pelo uso e pelo clima margeavam as calçadas e convidavam os cansados. Esparramada sobre um deles, uma família de três pessoas fatigadas. Um homem alimentando os pombos e outro lendo *il Giornale*, cada um no seu banco. Eu encontro o mais próximo disponível e desabo.

Estou pronta para uma pausa, mas estou ainda mais emocionada de ver os bancos. Sei que pode parecer uma emoção excêntrica, mas a ideia principal dessa peregrinação tem tudo a ver com bancos, ou melhor, com as possibilidades que nos esperam nos bancos. Embora nossa peregrinação nos encaminhe para Jerusalém, de um modo diferente, os bancos são nosso destino ao longo do caminho. São nossas relíquias.

Desde o início da peregrinação cristã, as relíquias foram objetos de desejo. Os ossos dos apóstolos e os pertences dos santos, ao quais se atribuíam curas e bênçãos, milagres e indulgências, atraíam os peregrinos a viver uma ligação entre o físico e o transcendente. Muitos romeiros de todas as épocas arriscaram a vida para ver os restos dos fieis que os precederam.

Em nosso caso, os objetos sagrados serão os bancos, que ligam o aqui e agora com o transcendente. Embora cada um de nós deva decidir por si quem é Deus,

eu não acho que a fé seja uma jornada solitária. Os bancos representam a comunidade. São convites para troca de experiências. Gastos pelo tempo e comuns, eles incentivam as pessoas a se sentar como iguais. Não existe a cabeceira da mesa nem classificação de *status* quando nos sentamos lado a lado num banco. É essa propriedade de ser comum, de ser espaço livre para todos, que o torna sagrado para mim. Se tudo correr conforme o planejado, os estranhos que encontramos sentados nos bancos vão nos ajudar a enxergar Deus.

Krista me faz sinal indicando o banco que ela está fotografando. Grafitada no braço de metal do banco vemos a palavra “pergunte”. Nós rimos. Parecia tão óbvio! Krista prosseguiu, mas eu não pude resistir a me esticar sobre o banco. Minhas ideias de encontros intrigantes se desintegram em roncões.

Depois de uma soneca restauradora, fomos a pé para o centro da cidade enquanto Krista nos mostrava algumas fotografias que tirara com a câmera digital. Ela tem uma lente bem potente e um olho espetacular para os detalhes. No visor da câmera de Krista, as rugas da mão de uma senhora idosa e o pé de um banco se transformam em arte.

Assim que o sol se põe, encontramos um café numa calçada do Panteão. Eric está atônito. Debaixo daquele sutil erguer de lábios reside o êxtase. Ele está olhando o Panteão, uma estrutura que estudara em profundidade. Em poucos dias, ele deve obter seu diploma de mestrado em Arquitetura no Massachusetts Institute of Technology. Ele havia saltado a graduação para observar como eram à luz do dia os edifícios que estudara na sala de aula.

Vinho tinto de mesa nos copos, massa nos pratos e, diante de nós, os ciganos cantam suas canções bem alto, acompanhados por acordeões. Apesar de sermos apenas clientes comuns, esta noite nos sentimos como a realeza e festejamos como os deuses.

\* \* \*

A desorientação que sinto nesta manhã é registrada por meu corpo como uma leve ressaca. Mas quando meus olhos se focam e meus ouvidos registram as frases estrangeiras que vêm da janela, descubro que estou em Roma! Hoje é domingo, o início oficial de nossa peregrinação.

Eu, Krista e Eric começamos dois novos rituais matutinos. Decidimos ler um capítulo do livro de Provérbios, da literatura de sabedoria da Bíblia, correspondente ao dia do mês. Sabemos que, para passar por treze países em quarenta dias, vamos precisar muito da sabedoria antiga.

Também resolvemos pedir a Deus que nos providencie encontros divinos todo dia. Traçamos um itinerário e reservamos alguns albergues, mas não há meio de descobrir os roteiros sagrados por nossa própria conta. As conversas sagradas com pessoas totalmente estranhas terão de ser orquestradas por alguém além de nós.

Desse modo, lemos o texto. Oramos e saímos cheios de expectativas.

A tradição antiga exige que comecemos nossa peregrinação com uma visita ao papa. Pelo menos é isso que Félix Fabri — o sábio peregrino com a determinação do século 15 — tinha a dizer. A peregrinação perfeita, de acordo com Félix, tinha de incluir pedido de permissão do papa antes de prosseguir. Para esta protestante rebelde isso é demais. Mas talvez meu louco desejo de incluir o papa na minha peregrinação tenha a ver com o fato de eu ter poucas tradições para estabilizar meu mundo pós-moderno, que gira em torno de si. Quero que essa peregrinação seja garantida por atos antigos. Assim, nosso primeiro destino é a cidade do Vaticano.

Aos domingos, sempre se pode ver o papa na Praça de São Pedro. Esperamos que um aceno generoso ao papa Bento XVI nos despeça para um início adequado. Vi o papa João Paulo II na Praça São Pedro quando eu estava no colegial. Foi como estar numa apresentação do U2, aquela rara combinação de celebridade e consistência. Para nós, ver o papa hoje é mais que apenas observar uma estrela, mas nossa simples tentativa na tradição nos faz aterrissar numa fila que se estende por quarteirões. Podemos medir nosso deslocamento em milímetros. Argh! Detesto filas e qualquer tipo de espera.

Meus olhos inquietos, por fim, me salvaram. Do outro lado da rua, há alguns bancos situados numa ilha muito grande entre as pistas. Num dos bancos está sentado um homem idoso. Ao lado dele, há espaço suficiente para mim.

Ah, deve ser este: meu primeiro encontro divino da peregrinação. Queria saber que epifanias me aguardavam. O que aquele velho poderia me falar sobre Deus, sobre a vida? Arrisquei-me aos perigos do trânsito dos dias atuais para obter minha relíquia, o banco. Sentei-me. Abri minha bolsa e tirei o bloquinho de notas e o iPod com microfone acoplado. Comecei com minha brilhante abertura: “Buon giorno!” E lá se foi um terço do meu vocabulário italiano. Sobraram-me apenas “grazie” e “arrivederci”.

O senhor gentilmente correspondeu à minha saudação com seu próprio cumprimento, que parecia ligeiramente mais, eu diria, “italiano”. Continuei com “Do... you... speak... English?”

“Inglese? Não.”

Eu tinha chegado a um ponto decisivo. Posso usar o resto do meu vocabulário para agradecer ao velho pelo cumprimento e ir embora. Ou posso lançar essa conversa no esquecimento. Repito meu “buon giorno” e vou direto para o “Como o senhor define Deus — *Dio*?” Digo isso mais alto e mais devagar. Do ponto de vista intelectual, sei que isso é ridículo, mas o otimismo me consome; não consigo me deter.

Do outro lado da rua, Krista e Eric estão rindo de mim. O idoso, porém, me responde. Não tenho a mínima ideia do que ele está dizendo, mas ele está sorrindo e falando, e agora eu estou gesticulando e gravando, e talvez — apenas talvez — alguma troca importante esteja ocorrendo entre nós.

Então, ele junta duas palavras que eu compreendo. “Você. Eu.” Gesticula para eu sair com ele. Ah, não! Esse banco sagrado está sendo escandalizado por uma proposta sexual. Por que cargas d’água essa peregrinação vai dar certo? O que estávamos pensando? Esperávamos que as pessoas espalhadas pela Europa, pelos Bálcãs e pelo Oriente Médio falassem de seu conceito de Deus com estranhos americanos ao acaso?

Eu devia mesmo ter redigido um testamento.